

# **VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: UM GRUPO PSICOTERAPÊUTICO COM AGRESSORES CONJUGAIS**

Álvaro Cielo Mahl\*  
Lisandra Antunes de Oliveira\*\*  
Micheli Casia Piccinini\*\*\*

## **RESUMO**

O objetivo nesta pesquisa foi verificar a eficácia de um grupo psicoterapêutico com agressores conjugais. Realizou-se uma entrevista inicial com os agressores para obter seu perfil, e para avaliar o trabalho aplicou-se a Escala de Táticas de Conflito, antes e após a intervenção, nas companheiras dos agressores; ao final os agressores ainda responderam ao questionário de satisfação com o tratamento e à entrevista de avaliação da intervenção psicológica. No perfil dos agressores, evidenciou-se que eles minimizam o comportamento agressivo e responsabilizam a mulher pelas agressões, as quais, por sua vez, revelam ser vítimas de violência física e psicológica. Após a realização do grupo psicoterapêutico, detectou-se uma redução dos níveis de violência verbal, emocional e física, com incremento de formas não violentas de resolução de conflitos. Isso demonstra a importância do desenvolvimento de estratégias interventivas visando à proteção da vítima e à prevenção da reincidência em crimes de violência conjugal.

Palavras-chave: Agressores conjugais. Vítima. Violência. Grupo psicoterapêutico.

## **1 INTRODUÇÃO**

A violência no ambiente doméstico está presente em todos os contextos sem haver distinção de classe social, raça, nível de escolaridade ou religião. Por violência doméstica ou familiar entende-se aquela que acontece no contexto doméstico, no qual agressor e agredido mantêm um vínculo consanguíneo ou afetivo, em que geralmente o homem desempenha o papel de agressor e a mulher o papel de vítima (SILVA, 2012). Hoje em dia, este assunto é bastante discutido, fazendo com que seja um tema constantemente veiculado em meios de comunicação de massa, no entanto são inexpressivos os estudos que abordem esta temática no intuito de desenvolver estratégias de intervenção com os agressores. Diante disso, o objetivo nesta pesquisa é justamente verificar a eficácia de um grupo psicoterapêutico com agressores conjugais.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 FATORES ASSOCIADOS À AGRESSÃO E PERFIL DOS ENVOLVIDOS NA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**

As situações de violência contra a mulher resultam, principalmente, da relação hierárquica estabelecida entre os sexos, sacramentada ao longo da história pela diferença de papéis instituídos socialmente a homens e mulheres, fruto da educação diferenciada. Assim, aos homens, de maneira geral, são atribuídas qualidades referentes ao espaço público, domínio e agressividade. Já às mulheres foi dada a insígnia de “sexo frágil”, pelo fato de serem mais expressivas (afetivas, sensíveis), traços que se contrapõem aos masculinos (FONSECA; LUCAS, 2006).

\* Mestre em Psicologia do Esporte e do Exercício pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Portugal); Professor da Universidade do Oeste de Santa Catarina; alvaro.mahl@unoesc.edu.br

\*\* Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Professora da Universidade do Oeste de Santa Catarina; lisandra.oliveira@unoesc.edu.br

\*\*\* Graduada em Psicologia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; micheli.psicologia@hotmail.com

Oliveira e Gomes (2011) afirmam que os homens agressores podem ver a violência até como normal, com o argumento de que é um ato educativo ou, ainda, um modo de ser; justificam o uso da violência contra a mulher por ciúme/infidelidade, desemprego ou dificuldade financeira, dependência química, “erros dela” (como cobrança e falta de compreensão, recusa sexual, confrontação, domínio sobre o companheiro, desonestidade, desobediência), discussões sobre criação de filhos e finanças da casa, divergências quanto aos papéis de homem e mulher, dificuldade de dialogar e medo de perder o controle sobre a mulher.

De acordo com Cortez, Padovani e Williams (2005), as características de homens que agredem suas companheiras, esposas ou não, são: isolamento social, ciúme, baixa autoestima, uso abusivo de álcool ou drogas, insegurança, possessividade, o fato de possuírem visões estereotipadas sobre papéis de gênero, e podem apresentar, ainda, problemas de personalidade, histórico de violência na infância, depressão e ansiedade e a tendência à minimização da agressão ou negação do comportamento agressivo.

O agressor pode apresentar um comportamento controlador, oscilando entre crueldade e doçura e prometendo melhorar no futuro (SILVA, 2012).

Muitas vezes, o homem sente-se culpado, prometendo à companheira melhorias em relação ao futuro, no entanto não consegue se modificar e, em consequência, renova o sentimento de culpabilidade, bebe e passa a agredi-la novamente (COSTA, 2003).

Um aspecto muito característico dos agressores é a tendência à minimização da agressão e/ou negação do comportamento agressivo, culpando a vítima pelo seu comportamento (CORTEZ; PADOVANI; WILLIAMS, 2005).

Sobre o perfil da mulher vítima de violência doméstica, destaca-se, geralmente, baixa autoestima, não confia ou confia exageradamente nos outros, tem medo constante, torna-se extremamente cautelosa – para tentar prevenir a raiva do agressor, sente-se culpada e começa a aceitar com facilidade a responsabilidade por ser agredida, busca desempenhar o papel de super mulher – tenta ser perfeita para evitar as situações de agressão, comunica-se de maneira pobre por temer ser ferida se expressar seus sentimentos, aprende a viver no isolamento e deixa de acreditar que pode ser livre da situação de violência (SILVA, 2012).

## 2.2 CONSEQUÊNCIAS FÍSICAS E PSICOLÓGICAS DA AGRESSÃO

Segundo Kashani e Allan (1998), cada tipo de violência gera prejuízos nas esferas do desenvolvimento físico, cognitivo, social, moral, emocional ou afetivo.

Os sintomas psicológicos frequentemente encontrados em vítimas de violência doméstica são: insônia, pesadelos, falta de concentração, irritabilidade, falta de apetite, e podem até desenvolver sérios problemas mentais, como depressão, ansiedade, síndrome do pânico, estresse pós-traumático, além de comportamentos autodestrutivos, como o uso de álcool e drogas, ou mesmo tentativas de suicídio (KASHANI; ALLAN, 1998; PAULO; PARO, 2009).

Almeida (2009) ainda explica que ocorre uma significativa quebra de confiança e segurança da vítima em relação ao agressor, comprometendo o bem-estar dela e do próprio sistema conjugal.

## 2.3 ALTERNATIVAS DE TRATAMENTO

Soares (1999) acredita que, com a possibilidade de tratamento, o homem agressor passou a ser visto como uma vítima legal e moralmente responsável pelo abuso e com possibilidade de recuperação. O agressor é considerado, segundo a autora, resultado de um histórico de reações inadequadas ao estresse, abuso prévio ou incapacidade psicológica de se relacionar, possibilitando, desse modo, a elaboração de um modelo para a compreensão da violência e, a partir deste, a criação de programas de intervenção.

Cortez, Padovani e Williams (2005) apresentam que a aplicação de grupos terapêuticos é uma das alternativas para o desenvolvimento de um programa com agressores, visto que há muitas diferenças entre os programas aplicados, ocorrendo variações de duração e de abordagem. Outra característica desse tipo de programa é o fato de os grupos poderem ser mais efetivos do que o aconselhamento individual por haver uma possível diminuição de vergonha, culpa e isolamento na interação com os demais membros.

Segundo Manita (2008), existiriam dois tipos de programas para agressores de violência doméstica: os psicoeducacionais e os psicoterapêuticos; os primeiros assentam-se essencialmente na transformação de mentalidade e no treino de competências sociais e cognitivas, e têm como objetivo a conscientização, pelo agressor, das responsabilidades e consequências dos seus comportamentos e a modificação deste, sendo implementados em grupo ou individualmente. Os segundos visam a uma mudança psicoeducacional e comportamental mais estrutural e podem ser implementados em terapia individual, terapia de casal e familiar ou terapia de grupo.

### 3 MÉTODO

Os participantes, agressores conjugais, foram encaminhados ao grupo pela Delegacia da Mulher, após o Fórum da Comarca de São Miguel do Oeste, SC, em audiências, ter ofertado ao agressor a possibilidade de participar do grupo terapêutico. Em decorrência dessa questão, para a concretização desta proposta, o juiz da vara criminal da cidade passou a indicar o grupo para o agressor. O critério de inclusão no grupo abrangia que o participante convivesse com a parceira e que a violência tivesse sido denunciada.

Assim, participaram do grupo cinco homens, quatro denunciados por agressão contra suas parceiras (H1, H2, H3, H4) e um quinto (H5) que buscou atendimento na Delegacia da Mulher para conseguir “se controlar”, porém também com histórico de denúncia da parceira. Suas companheiras serão nominadas, respectivamente, de P1, P2, P3, P4 e P5.

O estudo consistiu na formação de um grupo psicoterapêutico com agressores de violência conjugal. O embasamento teórico para orientar a prática neste grupo psicoterapêutico foi a linha humanista que possibilitou envolver o incremento das sensibilidades da pessoa para ouvir e ser guiada pela própria experiência interior, sensibilidade para um despertar à própria experiência viva total, organizando essa consciência, essa energia, em torno do centro da pessoa (ROGERS et al., 1983).

Os instrumentos que foram utilizados na presente pesquisa foram a Escala de Táticas de Conflitos (pré e pós-grupo), aplicada nas parceiras dos agressores, seguindo pela entrevista inicial com os agressores, os quais, ao final do grupo, também responderam ao questionário de satisfação com o tratamento e a entrevista de avaliação da intervenção psicológica, descritos a seguir:

- a) escala de táticas de conflitos (CTS-2) resumida e adaptada pelo IBGE (1999), que mede a extensão das agressões físicas e psicológicas: sem violência, violência verbal/emocional, violência física e violência física grave;
- b) entrevistas individuais com os agressores, recolhidas no primeiro encontro do grupo para formar o perfil dos participantes. Tais entrevistas englobaram dados pessoais, estado emocional e de saúde, histórico familiar e dinâmica do relacionamento conjugal;
- c) instrumentos para avaliação do tratamento obtidos a partir da pesquisa de Cortez, Padovani e Williams (2005): 1 – questionário de satisfação com o tratamento, que avalia o grau de satisfação do participante em relação à qualidade do atendimento recebido; 2 – entrevista de avaliação da intervenção psicológica. Ambos foram aplicados na última sessão do grupo.

### 4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

No total somaram-se cinco encontros, o primeiro e o quinto fundamentalmente para a realização das entrevistas e aplicação dos demais instrumentos, e o segundo, o terceiro e o quarto para a realização das sessões em grupo. H1, H4 e H5 estiveram presentes em 80% das atividades, e H2 e H3 tiveram 100% de frequência no grupo psicoterapêutico.

Durante a entrevista inicial – caracterização dos agressores (Quadro 1), entre os participantes, apenas um (H4) relata histórico de violência durante a infância; este refere comportamento de “nervosismo” do pai, que batia quando não era obedecido. O que se soma aos conhecimentos de Dutton (2007 apud NARDI; BENETTI, 2012), que mostra que uma das possíveis origens dos comportamentos violentos é associada a vivências abusivas/conflitivas durante a infância, apontando para a importância das experiências relacionais primitivas.

Os demais participantes da pesquisa afirmam não haver histórico de agressão, mas acusam distanciamento afetivo nas relações dos pais e deles com os filhos. O distanciamento afetivo é apontado por Benetti (2006) com uma das situações adversas que interferem nas relações parentais e nas práticas de socialização da criança.

Quadro 1 – Características dos participantes

Participante	Idade	Nível escolar	Estado civil	Tempo de relacionamento (anos)	Número de filhos	Profissão
H1	29	Ensino Fundamental completo	Amasiado	7	0	Agricultor
H2	50	Ensino Fundamental incompleto	Casado	5	2	Aposentado
H3	45	Ensino Fundamental incompleto	Casado	1	1	Serviços gerais
H4	58	Ensino Fundamental incompleto	Casado	27	8	Pedreiro/Agricultor
H5	63	Ensino Fundamental incompleto	Casado	42	4	Agricultor

Fonte: os autores.

Outra característica encontrada entre os agressores foi a responsabilização da mulher pelas agressões, que pode ser bem ilustrada pelas seguintes verbalizações recolhidas: “[...] ela precisa ter mais paciência”, “[...] eu falava uma coisa e ela outra”, “[...] é que ela gasta muito, não controla, então essa é a dificuldade, não tem limite “[...] ela acha que é tudo fácil”, “[...] falar/reclamar demais”, “[...] ela acha que está certa”, “[...] a véia apronta e depois sobra pra mim.” (informações verbais). Tal achado está de acordo com Cortez, Padovani e Williams (2005), que afirmam que um aspecto muito característico dos agressores é justamente a tendência à minimização da agressão e/ou negação do comportamento agressivo, culpando a vítima pelo seu comportamento.

Tal característica é reforçada quando se verificam as respostas que os sujeitos deram sobre seus comportamentos após a agressão: “[...] voltava tudo na mesma pessoa, tudo normal”, “[...] não converso nem peço desculpas”, “[...] fico quieto, volta ao normal”, “[...] tudo normal depois da discussão.” (informações verbais). H3 relata não lembrar o que faz após a agressão, uma vez que estas ocorrem associadas ao uso do álcool; também, ele é o único que relata sentir arrependimento frente ao contexto da agressão: “[...] não acreditei que eu tinha feito, ela me mostrou a marca [...] não lembrava [...] eu vi as marcas, a gente se arrepende.”

Mais um participante (H2) relata ter problemas com o álcool e que isso o induzia aos comportamentos agressivos: “[...] porque eu ficava agitado quando tomava álcool.” (informação verbal). O uso do álcool é justamente uma das características comuns em homens violentos, conforme Costa (2003), sendo o álcool não apenas como circunstância, mas como hábito. É, também, verdade que grande percentagem de maltratantes exerce a sua violência em estado sóbrio ou após uma ingestão moderada. Contudo, de acordo com Costa e Matos (2003 apud ALMEIDA, 2009), indivíduos com problemas de consumo tendem a evidenciar uma violência mais séria e mais frequente.

Quanto às parceiras, antes do começo do grupo, revelaram ter sofrido violência, variando de uma a cinco ocorrências no último semestre. Os tipos de violência física foram: estrangulamento, tapa, arranhões, atirar objetos, apertos no braço e soco.

Além da violência física, as mulheres revelaram ter sofrido ameaças como: “[...] pescoço não brota, se me denunciar eu te mato”; “[...] ameaça psicológica envolvendo a minha filha”; “[...] palavrões, discussão.” (informações verbais).

Por meio da coleta de dados percebeu-se que a violência psicológica é mais intensa e comum do que a violência física, porém esta continua ocorrendo. Sobre estes episódios, Wendt e Moré (2011) explicam que a violência psicológica à qual muitas mulheres são submetidas na relação conjugal, por meio de xingamentos, humilhações, depreciação de seu modo de vestir, desqualificação de seu corpo, entre outros, faz aumentar sua insegurança e diminuir sua autoestima, tornando-a cada vez menos capaz de enfrentar as agressões sofridas.

No entanto, apesar da violência sofrida, ainda se percebe um discurso machista impregnado na própria fala feminina: “Não posso me queixar de H4 porque nunca faltou nada lá em casa, ele não bebe, mas é nervoso.” (P4, informação verbal). Por essas e outras várias razões as vítimas de violência conjugal, embora pretendam o fim da violência, podem não querer ou não estar preparadas para abandonar o companheiro (MANITA, 2008).

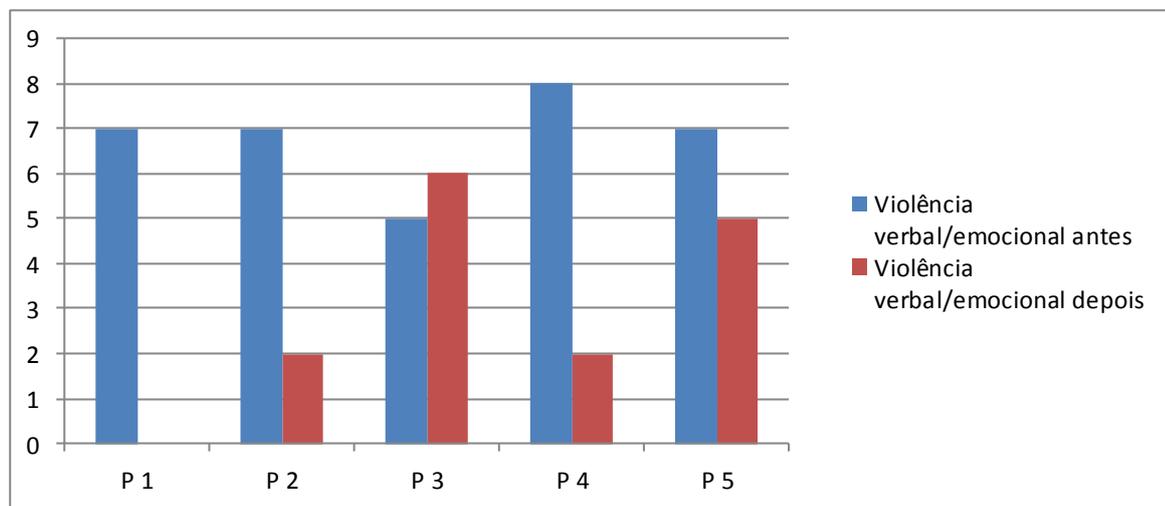
Ademais, os motivos para a permanência na relação são inúmeros. Pode-se citar a dependência emocional e econômica, a valorização da família, a preocupação com os filhos, a idealização do amor e do casamento, o desamparo diante da necessidade de enfrentar a vida sozinha e a ausência de apoio social (MIZUNO; FRAID; CASSAB, 2010).

Segundo os relatos dos participantes colhidos no começo das sessões, não houve ocorrência de agressões contra as parceiras no decorrer do processo psicoterapêutico, tampouco houve registro de novas denúncias por parte das mulheres.

No período de dois meses antes da realização do grupo, três mulheres (P1, P2 e P5) manifestaram que em nenhum momento seus companheiros resolveram conflitos sem serem violentos. Já P3 e P4 relataram três tentativas de seus companheiros em resolver conflitos conversando e argumentando. Após dois meses da realização do grupo, todas as mulheres relataram que, nesse período, diante situações de conflitos, seus companheiros tentaram resolvê-los de forma não violenta em maior frequência do que antes da realização do grupo.

Quanto à frequência de violência verbal dois meses antes e após a realização do grupo (Gráfico 1), quatro mulheres relataram que estas diminuíram de intensidade (P1, P2, P4 e P5). Apenas P3 relata níveis similares antes e após a realização do grupo.

Gráfico 1 – Frequência de violência verbal/emocional nos últimos dois meses antes do começo do grupo e após dois meses da realização do grupo



Fonte: os autores.

Quanto à violência física, a partir do relato das mulheres, percebe-se uma diminuição em sua frequência se for comparado o intervalo de dois meses antes da realização do grupo com os dois meses seguintes ao grupo (Tabela 1).

Tabela 1 – Frequência de violência física/violência física grave nos últimos 2 meses antes do começo do grupo e após dois meses a realização do grupo

	<b>Violência física antes</b>	<b>Violência física depois</b>	<b>Violência física grave antes</b>	<b>Violência física grave depois</b>
P1	1	0	0	0
P2	3	0	2	0
P3	3	2	1	0
P4	1	0	0	0
P5	6	1	1	0

Fonte: os autores.

Referindo-se a um período anterior ao começo da realização das sessões em grupo, P1 disse que após um tempo transcorrido da denúncia o companheiro estava voltando a ser como era antes, dando indícios de retornar aos padrões antigos. Ao final do grupo, ela relata que as agressões tanto físicas quanto psicológicas não voltaram a ocorrer, mas que eles continuam discutindo por diversos motivos como os de responsabilidade doméstica; no entanto, salienta que “[...] ao menos agora ele discute”, mesmo argumentando que “[...] quem precisa de psicólogo sou eu e que ele está certo [...]” (informações verbais). Cabe salientar que H1 é o único entre os participantes que não teve condutas agressivas (verbal/emocional, físicas) em dois meses desde o começo da realização do grupo.

Quanto a P2, relata que as mudanças após a realização do grupo foram excepcionais, de modo que o marido “[...] ficou mais bonzinho, ele não ajudava a fazer serviço, a lavar a roupa [...] ele faz comida, ele cuida do nenê, ele não fazia e agora faz.” (informação verbal). Cabe salientar que H2, parceiro de P2, que manifestou cinco comportamentos agressivos (violência física) nos dois meses anteriores ao grupo, não teve atitudes agressivas nos dois meses seguintes a partir do começo dos encontros psicoterapêuticos. A violência verbal/emocional teve redução de sete para dois episódios, os quais ocorreram pelo fato de H2 recusar-se a falar sobre determinado assunto; tal fato é corroborado pelo discurso final de H2, que diz que o grupo lhe ajudou principalmente porque agora, diante de conflitos, ele não reage intempestivamente e consegue “ficar calado”. Apesar de não ser a solução ideal, pode-se considerar esta como uma etapa de um processo que ainda está ocorrendo.

Um fato curioso é percebido no caso de P3, pois houve um incremento nas agressões verbais/emocionais sofridas, apesar da redução nas agressões físicas. A esposa relata que o parceiro mudou pouco, pois “[...] quando ele ia participar do grupo ele voltava nervoso, parava no barzinho para beber ao invés de voltar para casa ajudar”, justificando da seguinte forma: “Dizia que precisava ir beber para desestressar, pois o grupo estressava ele, os assuntos abordados no grupo serviam para ele e com isso ficava nervoso.” (informações verbais). Percebe-se que as temáticas discutidas no grupo o mobilizavam, de modo que se pensa nos avanços que poderiam ocorrer se o grupo perdurasse por mais tempo.

Já P4 salienta que o marido “[...] mudou um pouco, ficou mais calmo, conversa mais.” H4 relata que foi importante a participação da parceira em um dos encontros: “[...] depois daquele encontro onde ela participou, melhorou muito, as coisas estão começando a dar certo.” (informações verbais). Para eles, o estopim das discussões era em relação aos comportamentos do filho, e a possibilidade de conversarem em um clima propício à compreensão e livre de animosidades foi extremamente útil.

Por fim, P5 relata que “[...] ele (H5) se acalmou” (informação verbal), mas que eventualmente continua com ameaças em relação à possibilidade de a esposa continuar com o processo de separação, porém a redução da frequência de violências físicas foi muito significativa; o grupo parece ter funcionado como um elemento que lhe deu consciência da situação da esposa, pois hoje já afirma que “[...] deveria concordar e fazer um acerto por bem.” (informação verbal). No discurso de H5, percebe-se que ele mantém a sua opinião frente à conduta da mulher, não concordando com ela, no entanto o grupo parece ter-lhe feito notar que um comportamento agressivo de sua parte direcionado à esposa não teria efeito sobre as desavenças do casal.

Na entrevista de avaliação da intervenção psicológica, todos os participantes relataram que os problemas apresentados no início dos atendimentos (nervosismo, discussões com a parceira, irritação, sentimentos negativos), em alguma medida, foram superados: “consigo ficar calado”, “me controlo mais”, “controlo o meu nervosismo”, “melhorou muito, as coisas estão começando a dar certo.” (informações verbais). No entanto, um dos participantes (H5) diz que

o que foi em parte superado é o problema de sua companheira, uma vez que para ele o motivo do tratamento seria a dificuldade da mulher em controlar os gastos financeiros (“[...] ela acha que é tudo fácil”), e que agora “[...] melhorou um pouco, mas ela ainda gasta, ela acha que está certa e eu errado.”

Em uma escala de 0 a 10, na qual 0 seria o pior atendimento recebido e 10 o melhor possível, quatro participantes atribuíram a nota 10, e um participante (H5), a nota 8. Cabe salientar que justamente H5 é o participante que há mais tempo agride a sua parceira (oito a 10 anos), desqualifica as agressões cometidas quando responde sobre a frequência destas, considerando-as algo natural (“de vez em quando”), é um dos que atribui a responsabilidade da agressão à mulher (por achar que ela gasta demais e é analfabeta), além de não demonstrar arrependimento após as agressões (“fico quieto e depois volta ao normal”).

Sobre a prática do grupo psicoterapêutico, pode-se dizer que apostar apenas na punição não elimina, tampouco reduz, os níveis de violência conjugal; a intervenção em agressores visa à proteção da vítima e à prevenção da reincidência em crimes de violência conjugal.

Como se pôde perceber no decorrer da pesquisa, o grupo psicoterapêutico para agressores conjugais obteve resultados positivos, demonstrando que sua realização de terapia em grupo foi um dos elementos facilitadores, uma vez que os membros identificaram características comuns com os demais, e isso serviu como catalisador de discussões e reflexões importantes, em que a história de um era espelho para o outro, bem como os apontamentos realizados e as estratégias idealizadas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo foram apresentados dados estatísticos e conceitos teóricos importantes referentes à violência conjugal. Mesmo sendo um assunto tão presente na sociedade, carece de estudos e programas de intervenções para os agressores.

Com esta pesquisa observou-se que é de suma importância oferecer esse tipo de ajuda para os agressores. Para que eles possam superar o problema, o apoio à vítima também é essencial, pois é possível compreender um pouco do que acontece nessa relação.

Vale salientar, também, o papel não somente do psicólogo na abordagem da violência, mas também dos órgãos judiciais e de saúde, formando uma rede que visa contribuir para a diminuição da violência que agride não apenas a vítima, mas os que a cercam também.

Com a constatação de efeitos positivos deste grupo psicoterapêutico, pode-se desenvolver outros grupos relacionados ao mesmo assunto, trabalhando por mais tempo nos encontros até sanar a necessidade dos participantes, e oferecendo também um grupo psicoterapêutico às vítimas mulheres, para que elas também se sintam acolhidas e, de certa forma, protegidas. Esse grupo psicoterapêutico tornou-se uma opção a mais para o Poder Judiciário, pois é uma forma de trabalho que pode ser inserida em meio ao andamento da denúncia com a espera na justiça.

### *Domestic violence: a psychotherapeutic group with marital aggressors*

#### *Abstract*

*The objective of this work was to verify the effectiveness of a psychotherapeutic group with marital aggressors. It was performed an initial interview with the aggressors to obtain their profile, and to evaluate the work it was applied the Tactics Scale of Conflict, before and after the intervention, in the aggressors' partners; in the end, the aggressors still answered the questionnaire about treatment satisfaction and the interview of assessment of the psychological intervention. On the aggressors' profile, it became evident that they minimize aggressive behavior and blame the women for the aggressions, who, in turn, reveal being victims of physical and psychological violence. After the accomplishment of the psychotherapeutic group, it was detected a reduction in levels of verbal, emotional and physical violence, with an increase of non-violent forms of conflict resolution. It demonstrates the importance of developing interventional strategies aiming to protect the victim and to prevent recidivism in crimes of domestic violence.*

*Keywords: Marital aggressors. Victim. Violence. Psychotherapeutic group.*

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. V. de. **Violência Conjugal e Álcool**: existência de uma relação causal. 2009. 130 p. Dissertação (Mestrado em Medicina Legal e Ciências Forenses)–Universidade de Coimbra, Coimbra, 2009.
- BENETTI, S. P. da C. Conflito conjugal: impacto no desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79722006000200012&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722006000200012&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 06 out. 2013.
- CORTEZ, M. B.; PADOVANI, R. da C.; WILLIAMS, L. C. de A. Terapia de grupo cognitivo-comportamental com agressores conjugais. **Estud. psicol.**, Campinas, v. 22, n. 1, p. 13-21, mar. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2005000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2005000100003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 28 maio 2013.
- COSTA, J. M. B. da. **Sexo, Nexo e Crime**. Lisboa: Edições Colibri, 2003.
- FONSECA, P. M. da; LUCAS, T. N. **Violência Doméstica contra a Mulher e suas Consequências Psicológicas**. 2006. 21 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia)–Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, Salvador, 2006.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Resolução de conflitos domésticos e violência intrafamiliar nos Bairros da Tijuca e do Maracanã**. Rio de Janeiro: CDDI/IBGE, 1999. (Relatórios de Pesquisas, n. 4).
- KASHANI, J. H.; ALLAN, W. D. **The impact of family violence on children and adolescents**. Thousand Oaks: Sage, 1998.
- MANITA, C. Programas de intervenção em agressores de violência conjugal: Intervenção psicológica e prevenção da violência doméstica. **Ousar Integrar – revista de reinserção social e prova**, Lisboa, n. 1, p. 21-32, 2008. Disponível em: <[http://sigarra.up.pt/fpceup/pt/publs\\_pesquisa.FormView?P\\_ID=91989](http://sigarra.up.pt/fpceup/pt/publs_pesquisa.FormView?P_ID=91989)>. Acesso em: 25 ago. 2013.
- MIZUNO, C.; FRAID, J. A.; CASSAB, L. A. Violência Contra a Mulher: Porque Elas Simplesmente Não Vão Embora? In: SIMPÓSIO SOBRE ESTUDOS DE GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS, 1., 2010, Londrina. **Anais eletrônicos...** Londrina: UEL, 2010. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/3.CamilaMizuno.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2013.
- NARDI, S. C. dos S.; BENETTI, S. P. da C. Violência Conjugal: Estudo das características das relações objetais em homens agressores. **Boletim de Psicologia**, São Leopoldo, v. 62, n. 136, p. 53-66, 2012. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v62n136/v62n136a06.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2013.
- OLIVEIRA, K. L. C. de; GOMES, R. Homens e violência conjugal: uma análise de estudos brasileiros. **Ciência & Saúde Coletiva**, Manaus, v. 16, n. 5, p. 2401-2413, 2011.
- PAULO, R. D.; PARO, E. **Violência doméstica contra a mulher**: uma visão na abordagem cognitivo-comportamental. 2009. Disponível em: <[http://www.univag.edu.br/adm\\_univag/modulos/producoes\\_academicas/arquivos/artigoraiani.pdf](http://www.univag.edu.br/adm_univag/modulos/producoes_academicas/arquivos/artigoraiani.pdf)>. Acesso em: 18 jul. 2013.
- ROGERS, C. et al. **Em busca de vida**: Da terapia centrada no cliente à abordagem centrada na pessoa. São Paulo: Summus Editorial, 1983.
- SANTOS, A. C. W. dos; MORE, C. L. O. Impacto da violência no sistema familiar de mulheres vítimas de agressão. **Psicol. Cienc. Prof.**, Brasília, DF, v. 31, n. 2, p. 220-235, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932011000200003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932011000200003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 28 mar. 2015.
- SILVA, N. A. da. **Agressores e Agredidas**: O que há por trás das Conjugalidades Doentias? 2012. Monografia (Especialização em Psicologia Clínica: Terapia Comportamental e Cognitiva)–Universidade do Oeste de Santa Catarina, Joaçaba, 2012.
- SOARES, B. M. **Mulheres Invisíveis**: violência conjugal e novas políticas de segurança. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

SOUZA, H. L. de; CASSAB, L. A. Feridas que não se curam: A violência psicológica cometida à mulher pelo companheiro. In: SIMPÓSIO SOBRE ESTUDOS DE GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS, 1., 2010, Londrina. **Anais eletrônicos...** Londrina: UEL, 2010, Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/5.HugoLeonardo.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2013.

